

DO SONHO À MEMÓRIA: LÍVIA DE OLIVEIRA E A GEOGRAFIA HUMANISTA NO BRASIL¹

Eduardo Marandola Jr.²
Lúcia Helena Batista Gratão³

RESUMO: Das três grandes orientações teórico-metodológicas da Geografia no início deste século, a que teve menor atenção dos geógrafos brasileiros, até agora, é a que se vincula à Geografia Humanista. Múltipla e de múltiplos significados, os geógrafos desta tendência ocupam-se com os fenômenos imateriais como indissociáveis dos fenômenos materiais. No Brasil, estes estudos tardaram alcançar a mesma envergadura que receberam em outros países, como nos Estados Unidos, por exemplo. Procuramos resgatar o desenvolvimento da Geografia Humanista no Brasil, a partir das memórias e da trajetória da principal precursora destes estudos no país: Livia de Oliveira. A partir de seu relato e de sua obra, procuramos reconstituir alguns marcos deste evoluir e apontar algumas tendências e caminhos a trilhar neste campo de investigação.

Palavras-chave: Geografia Humanista no Brasil – História da Ciência Geográfica

FROM DREAM TO MEMORY: LÍVIA DE OLIVEIRA AND THE HUMANIST GEOGRAPHY IN BRAZIL

ABSTRACT: Of the three great theoretical-methodological orientations of the Geography in the beginning of this century, the one that had the Brazilian geographers' smaller attention, up to now, it is the one that it is linked to the Cultural and Humanist Geography. Multiple and with multiple meanings, the geographers of this tendency deal with the immaterial phenomena with non-separable the material phenomena. In Brazil, these studies delayed to reach the same span that they received at other countries, as in the United States, for instance. We tried to rescue the Humanist Geography development in Brazil, starting from the memoirs and trajectory of the principal precursory of these studies in this country: Livia de Oliveira. Starting from your report and of your work, we tried to reconstitute some marks of this evolution and to point some tendencies and roads to thrash in this investigation field.

Key-words: Humanist Geography in Brazil – Geographical Thought History

Em suma o sonho faz falar tudo o que em mim não é estranho, estrangeiro: é uma anedota indelicada feita com sentimentos muito civilizados (o sonho seria civilizador).

Roland Barthes

¹ Este artigo foi elaborado a partir da participação da professora Livia de Oliveira em dois eventos realizados na Universidade Estadual de Londrina, nos dias 21 e 22 de maio deste ano: a Aula Inaugural do Curso de Geografia do Ano Letivo de 2003, com o título *A Geografia Humanista: hoje e amanhã*; e a *Construção do Saber: Memórias com Livia de Oliveira*, que consistiu em uma entrevista pública realizada pelas professoras do Departamento de Geociências Lúcia Helena B. Gratão, Rosely Sampaio Archela e Yoshiya Nakagawara Ferreira. Estes eventos, além de “inaugurar” o ano letivo, deram oportunidade para que conhecêssemos mais da história da Geografia no Brasil e de um importante campo de investigação da ciência geográfica que possui uma larga tradição e uma consolidação crescente em nosso país. Portanto, as referências à professora neste texto-registro, quando não há indicação bibliográfica, referem-se às suas expressões nestes dois dias de conversas e palestras. A ela, agradecemos tanto pela leitura deste artigo, quanto pelos inestimáveis ensinamentos que nos transmitiu e, certamente, ainda nos transmitirá.

² Geógrafo, Pesquisador Colaborador do Laboratório de Pesquisas Urbanas e Regionais da Universidade Estadual de Londrina (LPUR/UUEL). Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. e-mail: eduardom@ige.unicamp.br.

³ Geógrafa, Professora do Departamento de Geociências, da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Imagens, Paisagens & Personagens (IMAP&P). e-mail: lugrato@uel.br

DO SONHO À GEOGRAFIA E À(S) GEOGRAFIA(S)!

No sonho, podemos não apenas realizar coisas fisicamente impossíveis, mas também alterar as barreiras têmporo-espaciais. Uma das maneiras mais freqüentes de fazer esta viagem é a lembrança e a transposição para espaço-tempos não-materiais ou pretéritos.

Mas, como revela Barthes (2002, p.70), o sonho “coloca em plena luz uma extrema sutileza de sentimentos morais, por vezes mesmo metafísicos, o sentido mais sutil das relações humanas, das diferenças refinadas, um saber da mais alta civilização”. Este sentimento e saber nada mais são que uma lógica consciente. Neste sentido, o sonho não seria apenas a inconsciência nos mantendo mentalmente sãos, mas também o resultado de uma lógica consciente, articulada, que possuiu para Barthes uma delicadeza inaudita, que apenas um trabalho de vigília intensa deveria estar capacitado a obter.

Mas o sonho nos traz, de nossa inconsciência-consciência, este saber e estes sentimentos. A vigília, onde pensamos guiar e controlar nossa atividade metafísica, tem no sonho a parceria e a somatória neste pensar-pensante do homem.

É por isso que autores como o psicanalista Binswanger, incluem o sonho no conjunto de experiências humanas. É evidente que a imaginação, a percepção, a razão e a ideação estão agindo de uma forma singular no sonho e na vigília, mas o imaginário e a experiência continuam a ser acrescidas o tempo todo.

Isto nos leva a pensar de maneira mais detida ao papel da experiência e da percepção no caminhar do homem sobre a terra. Este caminhar, que é um viver e um experienciar, já foi colocado como o objeto de estudo primordial da ciência geográfica, como em Yi-Fu Tuan, para quem a “Geografia é o estudo da Terra como o lar das pessoas” (TUAN, apud MELLO, 2001, p.95).

A ciência geográfica tem procurado, nos últimos 50 anos, avançar neste entendimento, acreditando que é possível estudar o espaço sem reduzi-lo à sua dimensão material, lógica e formal.

No Brasil, estes estudos introduziram-se na década de 1970, pouco depois de sua eclosão e maior sistematização nos Estados Unidos. Ter uma ciência geográfica permeada pelos fenômenos imateriais constituiu-se, desde então, o sonho (consicente-inconsciente) para muitos geógrafos brasileiros. Para alguns, isto se refletiu em sua trajetória profissional e acadêmica, em sua postura e espírito. Para outros, este sonho estendeu-se para a orientação de sua pesquisa e de sua prática docente, incorporando-se ao seu pensar e ensinar Geografia. A professora **Lívia de Oliveira**, que construiu sua

carreira acadêmica na Universidade Estadual Paulista de Rio Claro, inclui-se nos dois casos. E ela teve um “papel” crucial neste sonho entre e para os geógrafos brasileiros.

LÍVIA DE OLIVEIRA: A PROFESSORA-GEÓGRAFA – UMA APAIXONADA PELA GEOGRAFIA

Nascida em Mairinque, cidade no interior de São Paulo, filha de mãe professora, desenvolveu um afeto muito forte com a Geografia através da afetividade com sua mãe, uma apaixonada pela Educação! Depois de passar pelos bancos da Escola Primária e Secundária, passando pelo Exame de Admissão, iniciou graduação em Enfermagem, na Universidade de São Paulo (USP). Não se encontrando no curso, procurou a graduação em Geografia e História, também na USP, fazendo opção pela Geografia.

Com a morte de sua mãe, em 1961, foi para Rio Claro no ano seguinte, iniciando sua carreira profissional e vínculo institucional numa das faculdades isoladas que dariam origem à Universidade Estadual Paulista (UNESP), não pelas portas da Geografia, mas pelas salas do Departamento de Educação, em aulas de “Didática Especial – Prática de Ensino”. Usava os estágios em Didática para “como ensinar Geografia”, ensinando Geografia através da Didática. Só bem mais tarde a professora foi para as salas da Geografia para ministrar “Introdução à Pesquisa em Geografia”. Quando, encontrou-se e apaixonou-se “(e)ternamente” pela Geografia com Piaget. Através dele, descobriu que o espaço não é euclidiano, mas topológico. E, então, encontrou esta passagem para o espaço geográfico.

Em 1964, publica seu primeiro artigo, “Considerações sobre o ensino de Geografia no primário” (OLIVEIRA, 1964). Em 1967, defende tese de doutoramento pela Universidade de Campinas (UNICAMP), em Rio Claro¹ mesmo, com o título “Contribuição ao Ensino de Geografia” (OLIVEIRA, 1967). Em 1971, já influenciada pelo “Sistema de Piaget” (BATTRO, 1971), profere uma primeira palestra de abordagem piagetiana, “O trabalho de Piaget: considerações sobre sua contribuição ao progresso educativo”. Neste mesmo ano, publica “Um estudo sobre representação do espaço entre crianças, segundo Piaget” (OLIVEIRA, RUBINI & FITTIPALDI, 1971) e, em 1975, com Lucy Marion C. P. Machado, publica “Como adolescentes percebem geograficamente relações espaciais topológicas e euclidianas através de pré-mapas” (OLIVEIRA & MACHADO, 1975).

¹ Por ocasião do início da UNICAMP, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro esteve, por um período curto, incorporada à universidade de Campinas, até a criação da Universidade Estadual Paulista, reunindo inúmeras faculdades isoladas do interior do Estado. Nesta ocasião, a antiga faculdade de Rio Claro foi desligada da UNICAMP e integrada à UNESP.

Neste caminhar pela leitura cognitiva e afetiva de Piaget, a contribuição máxima de Livia de Oliveira para o Ensino de Geografia eclode com sua tese de Livre Docência intitulada “Estudo metodológico e cognitivo do mapa”, defendida em 1977 e publicada no ano seguinte (OLIVEIRA, 1978). Esta obra representa o grande manual do “ensino do mapa” traçado por “orientações piagetianas”. Estava lançada a grande referência e orientação dos estudos cognitivos na Geografia e para a(s) geografia(s).

É importante lembrar aqui, que a idéia piagetiana é de conduta e não de comportamento, o que Livia de Oliveira sempre chama a atenção. Por isso, não trabalha com uma “Geografia da Percepção” ou uma “Geografia do Comportamento”, expressões que julgamos inadequadas. A professora faz questão de frisar que não faz, nem nunca fez, “Geografia Comportamental” ou “Geografia do Comportamento”, como aparece, inclusive, em alguns manuais de Geografia que misturam percepção com comportamento (ANDRADE, 1987, p.111-115). Diante de tais equívocos, as expressões “Percepção do Meio Ambiente” ou uma “Abordagem Perceptiva em Geografia” parecem mais coerentes. Por isso, também, Livia de Oliveira frisa que não concorda com a expressão “Percepção Ambiental”, por ser limitada demais, adotando, preferencialmente, “Percepção do Meio Ambiente”, embora afirme hoje que vê em seus trabalhos a cognição como mais importante que a percepção.

O seu “aprender Geografia” com Piaget para o “ensinar Geografia” e geografia(s) se tornou tão fundamental que Livia chega a destacar (“provocar”) que não é possível fazer/ensinar Geografia, sem antes ler Piaget (OLIVIERA, 2000). Sobre os estudos do mapa, quando se pergunta sobre “mapas mentais”, ela declara que trabalha com “imagens” mais do que com “mapa mental”, tal como trabalharam Gould & White (1974) e Saarinen (1973).

Com Piaget, pelas portas da Educação, em aulas de Didática, Livia passa a ensinar Geografia e o vínculo afetivo faz dela uma (e)terna apaixonada. Descobre Tuan e traz seu pensamento para o Brasil, difundindo a (sua) Geografia Humanista através da tradução de duas de suas grandes obras: Topofilia (TUAN, 1980) e Espaço e lugar (TUAN, 1983). A primeira, com o subtítulo “estudo da percepção atitudes e valores do meio ambiente”, representou a grande realização e o grande referencial desta linha investigativa e, ao mesmo tempo, um grande incômodo para os geógrafos céticos e intolerantes à postura e condutas desta geografia. É, então, a partir destes “laços de afetividade” (géographicité), que Livia passa a edificar sua grande obra pela Geografia no Brasil, sustentada pela valorização da vida e do homem.

No campo da Percepção do Meio Ambiente, além de sua tese de livre docência, produz também artigos valiosos que são referência obrigatória aos que desejam caminhar

por estas trilhas. Entre estes, podemos citar “Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica”, talvez o primeiro artigo sobre o tema publicado no Brasil (OLIVEIRA, 1977); “A percepção e a representação do espaço geográfico”, escrito com Herbe Xavier (OLIVEIRA & XAVIER, 1991); “Percepção da Paisagem Geográfica: Piaget, Gibson e Tuan”; importante interlocução entre três referenciais teóricos que conduzem o pensamento de Livia (OLIVEIRA, 2000); e “Percepção do meio ambiente e Geografia”, uma revisão e atualização do debate atual (OLIVEIRA, 2001).

Neste cenário, a professora-geógrafa de Rio Claro, estudiosa de Piaget e pioneira da Geografia Humanista no Brasil, é responsável pelas primeiras orientações de Mestrado e Doutorado nas duas linhas de pesquisa: Ensino de Geografia e Percepção do Meio Ambiente, ambas com uma perspectiva piagetiana. O primeiro trabalho orientado pela professora, como dissertação de mestrado, foi a pesquisa de Jandira Maria Cecchet, “Iniciação cognitiva do mapa”, defendida em 1982 (CECCHET, 1982). No mesmo ano, Lineu Bley defendeu a dissertação “Percepção do espaço urbano: o centro de Curitiba” (BLEY, 1982). Entre as primeiras teses de doutorado encontravam-se “A Serra do Mar paulista: um estudo de paisagem valorizada”, de Lucy Marion C. P. Machado (MACHADO, 1988), e “Atlas geográfico escolar”, de Valéria Trevisan B. de Aguiar (AGUIAR, 1996).

Existem outras orientações que gostaríamos de destacar: “A percepção geográfica da paisagem dos Gerais no Grande Sertão – Veredas”, dissertação de mestrado, e “Paisagem & Ciganos”, tese de doutorado, ambas de Solange Terezinha de Lima (LIMA, 1990; 1996); “A Pedra do Reino – sertão vivido de Ariano Suassuna”, doutorado de Vernaide Medeiros Wanderley (WANDERLEY, 1997); “Imagem turística de Itanhaém, litoral sul paulista”, doutorado de Mirna Lygia Vieira (VIEIRA, 1997); e “Percepção geográfica dos deslizamentos de encostas em áreas de risco no município de Belo Horizonte, MG”, doutorado de Herbe Xavier (XAVIER, 1996).

O destaque de tais orientações se dá no sentido de visualizar os múltiplos temas abordados e contemplados pelo olhar de Livia de Oliveira e que revelam múltiplas geografias.

O valor de Livia no cenário geográfico brasileiro foi reconhecido ao receber a Comenda da Sociedade Brasileira de Cartografia, pelos serviços prestados à Cartografia Infantil, e um quadro da União Geográfica Internacional (UGI), em reconhecimento pelos trabalhos realizados em Educação Geográfica.

Assim, a Livia-professora, não apenas originou a preocupação com a “perspectiva humanista” em Geografia, via Piaget, mas também contribuiu significativamente para a difusão destas idéias através de sua prática e pesquisa científica, além de seus

alunos-aprendizes que apreenderam e depois foram ensinar em vários cantos e recantos do país, aprofundando e (re)lembrando-se das bases lançadas e traçadas por esta (pre)cursora e grande mestre da Geografia no Brasil.

A GEOGRAFIA HUMANISTA NO BRASIL

As bases da Geografia Humanista – ou Humanística, como a chama Tuan (1982) – foram lançadas nos Estados Unidos por um grupo de geógrafos que mostravam-se descontentes com o princípio lógico e do optimum econômico na condução das ações humanas e de sua relação espacial. Estes geógrafos começaram a utilizar-se de diversas fontes para enriquecer a perspectiva geográfica e para ampliar o entendimento da condição humana sob a Terra. Entre as influências estão a Psicologia, a Antropologia, a História e a própria Filosofia.

Após este início de preocupações, geógrafos como Yi-Fu Tuan e Edward Relph tomaram contato com uma obra que viria a influenciar ambos os geógrafos e que, décadas mais tarde, seria tomada como a obra fundamental e primeira de uma Geografia Humanista: *L'Homme et la terre: nature de la réalité géographique*, de Eric Dardel, escrita em 1952 (DARDEL, 1952). A importância e originalidade desta obra estão na fundação de um diálogo entre Geografia e Fenomenologia, que passa a figurar entre as principais influências da Geografia Humanista.

Relph (1976 e 1979), nos Estados Unidos, e Holzer (1998 e 2001), no Brasil, são dois dos estudiosos que se dedicaram de forma mais detida às linhas delineadas pela Geografia Fenomenológica de Dardel. Outros, como Anne Buttimer e Yi-Fu Tuan, apesar de terem recebido influência de seu pensamento, inspirando-se e caminhando por esta orientação, não explicitam esta intenção em suas obras.

Assim, Buttimer (1982 e 1986) buscou fonte de orientação na fenomenologia-existencialista de Heidegger e na Geografia Social, assim como Tuan (1980) foi buscar junto à Psicologia, e, à própria fenomenologia, referencial para orientar sua construção teórica.

Evidentemente, havia outras orientações, como o artigo de John K. Wright, publicado no *Annals of the Association of American Geographers* (WRIGHT, 1947), sobre a *Terrae Incognitae* e a imaginação em Geografia, que serviu, por exemplo, à elaboração de uma epistemologia por David Lowenthal (LOWENTHAL, 1982).

Neste construir, várias outras vertentes filosóficas e orientações foram acrescentadas e utilizadas de diferentes maneiras pelos geógrafos humanistas, como mostra Holzer (1992) acerca do idealismo, da hermenêutica e do próprio historicismo. Este último,

com forte influência nos Estados Unidos, tem papel crucial, pois um dos grandes expoentes e precursores dos estudos culturais (e até fenomenológicos) em Geografia, Carl O. Sauer, tinha profunda influência do pensamento histórico, sendo também expoente da Geografia Histórica (SAUER, 1941). Além disso, Sauer estruturou a Geografia Cultural, a partir das raízes alemãs e francesas, servindo suas formulações como fundamento tanto da Geografia Cultural quanto da Humanista (CORRÊA, 1997; HOLZER, 1992).

E é neste cenário de desenvolvimento, aqui resumido, que insere-se Livia de Oliveira na difusão e desenvolvimento destas preocupações no Brasil.

Em virtude da singularidade do próprio desenvolvimento de nossa ciência brasileira, ela não alcança a dimensão e legitimidade como nos Estados Unidos, por exemplo. Na década de 1970, quando a professora Livia recebe em Rio Claro o livro de Yi-Fu Tuan, a Geografia no Brasil vive dois momentos distintos: um é a efervescência da Nova Geografia (Teorético-quantitativa), capitaneada por Rio Claro e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); e outra, a já manifestação da Geografia Nova (o nome é posterior), que envolvia a crítica marxista-materialista e que culminaria no grande “racha” de 1978, no encontro da Associação dos Geógrafos Brasileiros em Fortaleza. Assim, enquanto nos Estados Unidos a Geografia Humanista surge no mesmo movimento que a de orientação crítica, ou seja, a busca de ruptura com o modelo quantitativo e cientificista, no Brasil, ela fica à margem, ofuscada pela oposição que acaba sendo conhecida como Física X Humana.

No âmbito institucional, a professora Livia afirma que naquele momento, este racha ficou marcado pela oposição Rio Claro-São Paulo, apesar da maioria dos professores de Rio Claro serem “uspianos”. É por isso, também, que Livia afirma que eles acabaram aproximando-se mais do IBGE, pois eram acusados pelos colegas de São Paulo de serem reacionários e de fazer uma Geografia comprometida com o poder.

Assim, a Geografia Humanista no Brasil encontra, num primeiro momento, “asilo” (ou “exílio”) em Rio Claro, onde o senso de grupo os fortalecia e os mantinha numa relativa unidade, pelo menos naqueles primeiros anos das décadas de 1970 e 1980. Livia fala sempre “nós de Rio Claro”, incluindo os geógrafos da Nova Geografia e os da Geografia Humanista.

Esta ligação fica evidente em texto de Helmut Troppmair, geógrafo da UNESP de Rio Claro, onde relata “O ensino e a pesquisa em Geografia Física em Rio Claro”. Junto com as disciplinas e linhas de pesquisa de Geomorfologia (de Antonio Christofletti, Lucy Marion C. P. Machado, Antônio C. Tavares, Iandara A. Mendes, Cláudio A. de Mauro e Marta M. B. Guidugli), de Climatologia (de Walter C. Brino, Antônio C. Tavares e Maria J. Z. dos Santos), está Livia e Lucy Marion C. P. Machado com sua Linha de Pesquisa,

“Percepção do Meio Ambiente”, incluída numa Linha de Pesquisa de Geografia Física, “Biogeografia/Meio Ambiente”, que também possuía como professores o próprio Helmut Troppmair, Myrian C. R. Prochnow, José Carlos G. Camargo e a professora Maria E. C. Carvalho (TROPMAIR, 1985).

Este texto compôs os anais do 1º Simpósio de Geografia Física Aplicada, que ocorreu em Rio Claro e mostrou claramente onde, no cenário da Geografia no Brasil, colocava-se Livia e a Geografia Humanista: no seio da Geografia Física.

Isto não é, em absoluto, um desmerecimento da Geografia Física. Desmerecimento foi a demora da chamada Geografia Humana em dar a devida importância a estes estudos e à sua precursora: Livia de Oliveira.

No entanto, também detectamos uma razão extra para esta vinculação originária da Percepção do Meio Ambiente com a Geografia Física. Na verdade, esta relação é antiga e, nos Estados Unidos, ela acompanha os estudos dos natural hazards desde os anos 1920. Os geógrafos que dedicaram-se a esta linha investigativa eram oriundos da Geografia Física, envolvidos com questões como inundações, terremotos, secas, geadas, tempestades, tornados, furacões etc. Estes tiveram, desde cedo, a preocupação com a percepção do risco que as populações afetadas desenvolviam, como fator crucial no processo de decisão e planejamento (MARANDOLA JR. & HOGAN, 2003; GREGORY, 1992). Olhando por este ângulo, a relação da professora Livia com seus colegas da Geografia Física, em Rio Claro, apesar de sua aproximação ter sido por outra via (a Didática), não parece tão singular assim.

Contudo, no cenário brasileiro ela é de extrema singularidade e, conseqüentemente, produtora de frutos profícuos e de um desenvolvimento ímpar em relação a outros que passaram, posteriormente, a também interessar-se por estas questões em Geografia.

Pessoalmente, como vimos, Livia foi conduzida ao estudo de Tuan e da Geografia Humanista pela Didática, claramente sua principal orientação como professora-geógrafa. Como professora, tornou-se estudiosa de Piaget, e como piagetiana, estudou as formas de cognição e o desenvolvimento desta não apenas nas crianças, mas como parte da própria condição humana. Este interesse a levou à Percepção do Meio Ambiente, e esta a conduziu a Tuan. Mais que isso, sua leitura de Piaget a ajudou a compreender Dardel.

Como pioneira dos estudos sobre percepção no país, trouxe, através desta linha de interesse, as obras de Tuan (1980 e 1983), traduzidas por ela, além de outros textos que foram traduzidos e publicados em periódicos de Rio Claro (não apenas por ela) e em obra organizada por Antonio Christofolletti, outro geógrafo de Rio Claro. Entre estes textos, estão

“Pontos de vista sobre a percepção das paisagens”, de Michel Collot (COLLOT, 1990); “O humanismo contemporâneo em Geografia”, de Nicholas Entrikin (ENTRIKIN, 1980), publicados no Boletim de Geografia Teórica; “Graficacia”, de W. G. V. Balchin (BALCHIN, 1978) e “As bases fenomenológicas da Geografia”, de Edward Relph (RELPH, 1979), publicados na revista Geografia; e “Apreendendo o dinamismo do mundo vivido”, de Anne Buttimer (BUTTIMER, 1982), “Geografia humanística”, de Yi-Fu Tuan (TUAN, 1982) e “Geografia, experiência imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica”, de David Lowenthal (LOWENTHAL, 1982), publicados na coletânea Perspectivas da Geografia (CHRISTOFOLETTI, 1982).

Outro trabalho fundamental de difusão desta e de outras perspectivas da Geografia, foi o esforço sistemático de resenhar os lançamentos tanto de obras quanto de periódicos, publicados nas revistas Geografia e Boletim de Geografia Teórica, ambas publicadas pela Associação de Geografia Teórica (AGETEO), fundada e mantida pelos professores da UNESP de Rio Claro.

Estes textos, juntamente com as traduções dos livros de Tuan e os trabalhos de Livia de Oliveira, são as bases da Geografia Humanista no Brasil, e foram durante muito tempo, o único esforço de difusão desta linha de investigação no país.

Estudando a evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia, Oswaldo B. Amorim Filho assinala o papel de Livia na difusão destes conhecimentos no país:

[...] Um dos mais expressivos centros de estudos e pesquisadores filiados a esta corrente no Brasil é justamente a UNESP de Rio Claro-SP, principal núcleo irradiador dos estudos de percepção ambiental, sob a liderança das geógrafas Livia de Oliveira e Lucy Machado, que conseguiram formar um grupo numeroso de discípulos, não apenas em Rio Claro como também em todo país. Além das muitas pesquisas e publicações pessoais, as duas professoras orientaram algumas dezenas de dissertações e teses dentro da temática geral da Geografia Humanística e, em particular, da percepção e cognição ambientais com uma abordagem principalmente de base piagetiana (AMORIM FILHO, 1999, p.81).

Além disso, Amorim Filho lembra que é de iniciativa delas a organização dos Encontros Interdisciplinares sobre o Estudo da Paisagem, realizados bianualmente, gerando integração e consolidação destes estudos no país, além de sistemáticas e ricas publicações.

Em 1996, Livia organizou, junto com o arquiteto Vicente Del Rio, uma obra que marcou a consolidação dos estudos sobre Percepção do Meio Ambiente no país, traçando o estado da arte desta linha investigativa - Percepção ambiental: a experiência brasileira, contém mais de uma dezena de trabalhos de ex-orientandos e de profissionais de outras

áreas que também têm se dedicado não apenas à Percepção Ambiental, mas a um grande número de temas da própria Geografia Humanista (DEL RIO & OLIVEIRA, 1996).

A década de 1990 trouxe uma diminuição da tensão entre as “geografias”, e a intolerância torna-se um pouco mais amena. A Nova Geografia e a Geografia Nova perdem relativamente sua “radicalidade”, e a Geografia Humanista passa a ter maior atenção dos geógrafos brasileiros.

Esta década trouxe também o renascimento dos estudos culturais, de forma renovada. A Nova Geografia Cultural, que avançou em relação às bases da Geografia Cultural saureana, que passa a ser chamada de Tradicional, consegue adeptos e difusores no Brasil, principalmente representados pelo Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura (NEPEC), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Este núcleo, coordenado pela professora Zeny Rosendahl e recebendo a importante colaboração do professor Roberto Lobato Corrêa (UFRJ e IGBE), mantém um periódico (Espaço e Cultura), uma série de livros (Geografia Cultural) e um evento bianual (Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura), objetivando reunir pesquisadores, traduzir textos básicos e contemporâneos de Geografia Cultural e divulgar trabalhos que têm sido desenvolvidos no país.

Este grupo mantém-se vinculado à uma linha renovada da tradição saureana, acrescida de uma forte orientação francesa, ligados principalmente à Geografia Cultural Francesa pelo professor Paul Claval, um dos grandes responsáveis, na França, pela renovação dos estudos culturais, que têm despendido grande esforço de acompanhar, analisar e difundir as transformações neste campo de investigação.

Creemos que este seja o esforço institucional mais consistente e sistematizado de divulgação e estudo desta vertente da Geografia no Brasil. Embora a Geografia Cultural mantenha uma individualidade em relação à Geografia Humanista, suas raízes são claramente as mesmas e há uma coexistência profícua e íntima entre as disciplinas (HOLZER, 1992). Além disso, seus precursores e autores são em geral os mesmos, e atualmente as disciplinas estão caminhando para uma visão mais ampla da própria orientação de pesquisa, tendendo a uma relação mais íntima e indissociável entre elas (MARANDOLA JR., 2003).

Quando indagada sobre os tipos de trabalhos desenvolvidos no campo da Geografia Humanista, Lívia entusiasmada diz que a Geografia cresce na periferia, e é preciso “ousar”; “abrir novos campos”. Lembra das discussões positivas da Banca Examinadora de Lineu Bley sobre a nova maneira de investigar a cidade (BLEY, 1982) e a proposta inicial de Solange T. de Lima, que queria estudar Geografia Agrária, mas acabou desenvolvendo um novo campo de estudo: Geografia e Literatura, proposto por Pocock

(1981), a partir do romance de Guimarães Rosa (LIMA, 1990). Seguindo ainda pela literatura, assinala o sertão vivido de Suassuna, revisitado por Wanderley (1997). Lembra também, os “lugares escondidos” descobertos pelo turismo (VIEIRA, 1992). Neste cenário de múltiplos olhares de investigação, cita a tese de doutorado de Lúcia Helena B. Gratão, que também “inaugurou” uma outra vertente dos estudos humanistas no Brasil, investigando a geopoética do Rio Araguaia, à luz da imaginação, conduzida por Dardel (géographicité), Tuan (topophilia) e Bachelard (poética), traduzindo-se nos “laços afetivos” e no amor ao Rio Araguaia (GRATÃO, 2002). O destaque deste trabalho é ter sido realizado fora do “campus” de Rio Claro, no programa de Geografia Física da USP, embora tenha também em Livia de Oliveira, a grande mentora nos estudos sobre Percepção do Meio Ambiente e da própria Geografia Humanista.

Neste sentido, o desenvolvimento da Geografia Humanista no Brasil, hoje, caminha principalmente por três vertentes: uma ligada mais diretamente à linha trabalhada pela professora Livia, relacionando a Percepção e Cognição do Meio Ambiente à paisagem, ao lugar e à experiência; outra, que tem na Geografia Cultural sua principal orientação e fonte de inspiração (principalmente ligado ao grupo do Rio de Janeiro); e uma terceira, derivada desta última, mas em íntima relação com a primeira, que são os estudos que envolvem a interface Geografia e Literatura, cujo expoente maior e é o professor Carlos Augusto de F. Monteiro (MONTEIRO, 2002).

É evidente que esta separação é tênue e meramente analítica, pois a tendência clara é a visão integrada destes estudos que buscam, na imaterialidade, nos sentimentos e na afetividade, a significação geográfica dos fenômenos e a essência da relação homem-meio (FERREIRA & MARANDOLA JR., 2003).

Assim, Livia afirma que uma das grandes contribuições da Geografia Humanista foi colocar ou recolocar muitos problemas filosóficos, enfatizando a categoria de lugar, como foco da afetividade e relação com o ambiente. No lugar se dá a experiência. Nele, Tuan assenta sua obra e, é nesta noção que a fenomenologia mais contribuiu, até agora, aos estudos geográficos.

SONHOS A SONHAR

Livia vê hoje, a Geografia Humanista como uma busca e, independente de suas múltiplas nuances e orientações, ela acredita que é um único campo de investigação. A diversidade interna, interpretada por alguns como uma das “fraquezas” desta orientação (GOMES, 2000), é entendida por Livia como inerente e importante na ampliação das fronteiras do conhecimento. Além disso, esta dificuldade de classificação é explicada por

Lívia pelo fato destes trabalhos estarem concentrados na periferia e não no centro da ciência geográfica, estando próximos das fronteiras ou das interfaces dos conhecimentos. Neste caso, a necessidade positivista de classificar torna-se menos importante e menos significativa.

No encantamento de Lívia pela Geografia, na direção do futuro dos seus estudos, revela enfática, com grande entusiasmo, e brilho nos olhos, que é fundamental continuar com as relações da Geografia com a Literatura, a Psicologia, as Artes Plásticas; a relação estabelecida entre Geografia e Fenomenologia é incontestável, pois, propôs questões filosóficas importantes, levando à discussão epistemológica.

Os ensinamentos da professora-geógrafa revela-nos que esta Geografia mostra-se multifacetada: surgida nos anos 1950, com consolidação mais ampla no Brasil a partir da década de 1990, através da perspectiva da valorização da vida, pode humanizar a leitura da Economia, da Física e outras ciências, buscando a integração Homem-Ambiente e a valorização de paisagens e lugares. A Geografia Humanista atingiu fóruns científicos abrindo campos instigantes. É preciso ousar! E este é um ensinamento de Lívia. É preciso ousar!

E neste caminhar pelo belo, fértil e afetivo campo, a Geografia é tão maravilhosa! É preciso fazê-la com paixão! Encantamento! É preciso trilhá-la como uma escolha, consciente-inconsciente, como um sonho:

[...] A Geografia Humanística não é só um '(per)curso alternativo' [...] ela tem outras buscas...outros sentidos...É como seguir um novo caminho...outros olhares...outros significados...outros paragens...outros travessias...É uma outra viagem (GRATÃO, 2002, p.24).

E Lívia foi a grande condutora deste novo caminho no Brasil, trazendo e promovendo novos olhares, novos sentidos e novos significados. Novas geografias possíveis, descortinadas e algumas ainda veladas, mas que poderão ser exploradas e (re)-inventadas no futuro.

Para o novo século, Lívia nos aponta a tendência do "olhar afetivo". É a busca renovada deste mesmo caminho. Este, que foi o grande "sonho", o de colocar os fenômenos imateriais de forma indissociável dos fenômenos materiais na concepção e na própria essência dos fenômenos, parece ser o caminho trilhado, de forma cada vez mais consistente, por estes geógrafos. E o caminhar de Lívia, no sonho ou na vigília, deixou um legado inestimável para nossa geografia, seja pelas portas e perspectivas que abriu, seja por sua própria pessoa, que sonhou caminhando, e caminhou sonhando, sem perder de

vista o ser professor e o ser geógrafo, sem perder de vista o lugar, o seu lugar, e o lugar do lugar no mundo...

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Valéria T. B. *Atlas geográfico escolar*. 1996. 253p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- AMORIM FILHO, Oswaldo B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v.11, n.21 e 22, p.67-87, jan./dez. 1999.
- ANDRADE, Manuel C. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987. 143p.
- BALCHIN, W. G. V. Graficacia. *Geografia*, Rio Claro, v.3, n.5, p.1-13, abr. 1978.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. (trad. J. Guinsburg) São Paulo: Perspectiva, 2002. 78p.
- BATTRO, Antônio M. *El pensamiento de Jean Piaget*. Buenos Aires: Emece, 1971. 381p.
- BLEY, Lineu. *Percepção do espaço urbano: o centro de Curitiba*. 1982. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, Antonio (org.) *Perspectivas da geografia*. São Paulo: Difel, 1982. p.165-193.
- BUTTNER, Anne. O espaço social numa perspectiva interdisciplinar. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. (org.) *O espaço interdisciplinar*. São Paulo: Nobel, 1986. p.65-85.
- CECCHET, Jandira M. *Iniciação cognitiva do mapa*. 1982. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, AGETEO, v.20, n.39, p.211-217, 1990.
- CORRÊA, Roberto L. Caul Sauer e a Geografia Cultural. In: _____. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.261-285.
- DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique*. Paris: PUF, 1952. 133p.
- DEL RIO, Vicente & OLIVEIRA, Lívia. (org.) *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1996. 265p.
- ENTRIKIN, Nicholas. O humanismo contemporâneo em Geografia. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, AGETEO, v.10, n.19, p.5-30, 1980.
- FERREIRA, Yoshiya N. & MARANDOLA JR., Eduardo. O sensível e a afetividade nas fronteiras do saber: sobre a imaterialidade dos fenômenos geográficos. *Olam: Ciência & Tecnologia*, Rio Claro, v.3, n.1, set. 2003. [CD-ROM].
- GOMES, Paulo C. da C. *Geografia e modernidade*. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 368p.
- GOULD, Peter & WHITE, R. *Mental maps*. London: Penguin Books, 1974.
- GRATÃO, Lúcia H. B. *A Poética d' "O Rio" – ARAGUAIA! De Cheias...&... Vazantes...(À) Luz da Imaginação!* 2002. 354p. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- GREGORY, Ken J. *A natureza da Geografia Física*. (trad. Eduardo de A. Navarro) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. 367p.
- HOLZER, Werther. *A geografia humanista – sua trajetória de 1950 a 1990*. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- HOLZER, Werther. *Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI*. 1998. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto L. (org.) *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p.103-122.
- LIMA, Solange T. *A percepção geográfica da paisagem dos Gerais no Grande Sertão: Veredas*. 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- LIMA, Solange T. *Paisagens & ciganos*. 1996. 108p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985. p.103-141.
- MACHADO, Lucy M. C. P. *A Serra do Mar paulista: um estudo de paisagem valorizada*. 1988. 312p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- MARANDOLA JR., Eduardo. *“Londrinas” invisíveis: percorrendo cidades imaginárias*. 2003. 242p. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- MARANDOLA JR., Eduardo & HOGAN, Daniel J. *Risco e perigo: o estudo geográfico dos natural hazards*. Texto enviado para o ENCONTRO TRANSDISCIPLINAR SOBRE ESPAÇO E POPULAÇÃO, da Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP. Campinas, 13 a 15 de novembro de 2003. 13p.
- MELLO, João B. Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto L. (org.) *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p.87-101.
- MONTEIRO, Carlos A. de F. *O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002. 242p.
- OLIVEIRA, Livia. Considerações sobre o ensino da Geografia no primário. *Revista Rio Claro*, Rio Claro, p.78-80, 1964.
- OLIVEIRA, Livia. *Contribuição ao ensino de Geografia*. 1967. 82p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de Campinas, Rio Claro.
- OLIVEIRA, Livia. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. *Geografia*, Rio Claro, v.2, n.3, p.61-72, abr. 1977.
- OLIVEIRA, Livia. *Estudo metodológico e cognitivo do mapa*. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, 1978. 128p.
- OLIVEIRA, Livia. Percepção da paisagem geográfica: Piaget, Gibson e Tuan. *Geografia*, Rio Claro, v.25, n.2, p.5-22, 2000.
- OLIVEIRA, Livia. Percepção do meio ambiente e Geografia. *OLAM - Ciência & Tecnologia*, Rio Claro, v.1, 2001 [CD-ROM].

- OLIVEIRA, Livia & MACHADO, Lucy M. C. P. Como adolescentes percebem geograficamente relações espaciais topológicas e euclidianas, através de pré-mapas. *Boletim de Geografia Teorética*, Rio Claro, AGETEO, v.5, n.9, p.33-62, 1975.
- OLIVEIRA, Livia; RUBINI, S. A. & FITTIPALDI, R. M. A. Um estudo sobre representação do espaço entre crianças, segundo Piaget. *Boletim da União Paulista dos Estudantes de Geografia*, v.III, n.1, 1971.
- OLIVEIRA, Livia & XAVIER, Herbe. A percepção e a representação do espaço geográfico. *Revista Pedagógica*, v.54, 1991.
- POCOCK, Douglas C. D. (ed.) *Humanistic Geography and Literature*. London: Croom Helm, 1981.
- RELPH, Edward C. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976. 156p.
- RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, Rio Claro, v.4, n.7, abr. 1979. p.1-25.
- SAARINEN, T. F. The use of projective techniques in geographic research. In: ITTELSON, W. H. (ed.) *Environmental and cognition*. New York: Seminar Press, 1973. p.29-52.
- SAUER, Carl O. Forward to historical geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v. XXXI, n.1, p.1-24, mar. 1941.
- TROPPMAIR, Helmut. O ensino e a pesquisa em Geografia Física em Rio Claro. *Boletim de Geografia Teorética – Anais do Simpósio de Geografia Física Aplicada*, Rio Claro, v.15, n.29-30, p.265-268, 1985.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983. 249p.
- TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985. p.143-164.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1980. 288p.
- VIEIRA, Mirna L. *Imagem turística de Itanhaém, litoral sul paulista*. 1997. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- WANDERLEY, Vernaide M. *A Pedra do Reino - Sertão vivido de Ariano Suassuna*. 1997. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- WRIGHT, John K. Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v. XXXVII, n.1, p.1-15, mar. 1947.
- XAVIER, Herbe. *Percepção geográfica dos deslizamentos de encostas em áreas de risco no município de Belo Horizonte, MG*. 1996. 222p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, UNIVERSIDADE Estadual Paulista, Rio Claro.